Iepé
10 anos de atuação

Iepé

10 anos de atuação

O *Iepé*

O *Iepé* - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 2002 por profissionais de diversas áreas (antropólogos, biólogos e educadores) que já atuavam junto às comunidades indígenas no Amapá e do Norte do Pará e que, com a fundação do *Iepé* buscaram formalizar essa atuação para fortalecê-la em um âmbito institucional e contemplá-la em um âmbito regional.

Missão

A missão do *Iepé* é contribuir para o fortalecimento cultural, político e para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas do Amapá e do Norte do Pará, proporcionando assessoria técnica em diferentes áreas, entre as quais estão gestão de projetos, valorização e gestão de patrimônios culturais, educação escolar diferenciada, educação em saúde, fortalecimento político e gestão territorial e ambiental. Sua atuação é pautada pelas demandas indígenas de formação e de capacitação, visando o fortalecimento de suas formas de gestão comunitária e coletiva. Além disso, o *Iepé* se dedica a monitorar as políticas públicas indigenistas e ambientais que incidem sobre estas comunidades, agindo no sentido de influenciá-las positivamente para que os direitos destas populações enquanto povos diferenciados sejam respeitados.

Iepé é um termo tradicionalmente utilizado pelos povos indígenas das Guianas para designar o amigo e parceiro de troca nas complexas redes de intercâmbio que esses povos mantêm entre si.

Claudia Funi

Área de atuação

Os principais interlocutores do *Iepé* são os povos Aparai, Galibi Ka´lina, Galibi Marworno, Karipuna, Kaxuyana, Palikur, Tiriyó, Wajãpi e Wayana, totalizando mais de 10.000 pessoas. Estas comunidades estão distribuídas em 6 Terras Indígenas: Galibi, Juminá e Uaçá (no baixo Oiapoque), Parque Indígena do Tumucumaque, Rio Paru D'Este e Wajãpi, que somam mais de 6 milhões de hectares.

O *Iepé* atua com a perspectiva de uma ação regional voltada tanto à construção de alianças entre os povos indígenas e populações que vivem no entorno das Terras Indígenas – como castanheiros e assentados, e parcerias com gestores de Unidades de Conservação – quanto à proteção e conservação das florestas da região. Com estes mesmos fins, ou seja, estreitar os elos entre os povos indígenas, agir em prol do respeito aos seus direitos enquanto populações diferenciadas e da conservação das florestas, o *Iepé* também desenvolve um projeto de articulação transfronteiriça que contempla os povos indígenas do Planalto das Guianas (Amapá, Norte do Pará, Guiana Francesa e Suriname).

Denise Fajardo Grupioni

Planalto das Guianas

O Planalto das Guianas é uma região reconhecida mundialmente pela riqueza de seus recursos naturais e por abrigar uma grande diversidade sociocultural. Mais de 30.000 índios habitam o Amapá, o Norte do Pará, a Guiana Francesa e o Suriname, pertencentes a diferentes povos. São os Aparai, Galibi Marworno, Kali'na, Karipuna, Kaxuyana, Lokono, Palikur, Teko, Tiriyó (Trio), Wajãpi, Wayana e Zo'é.

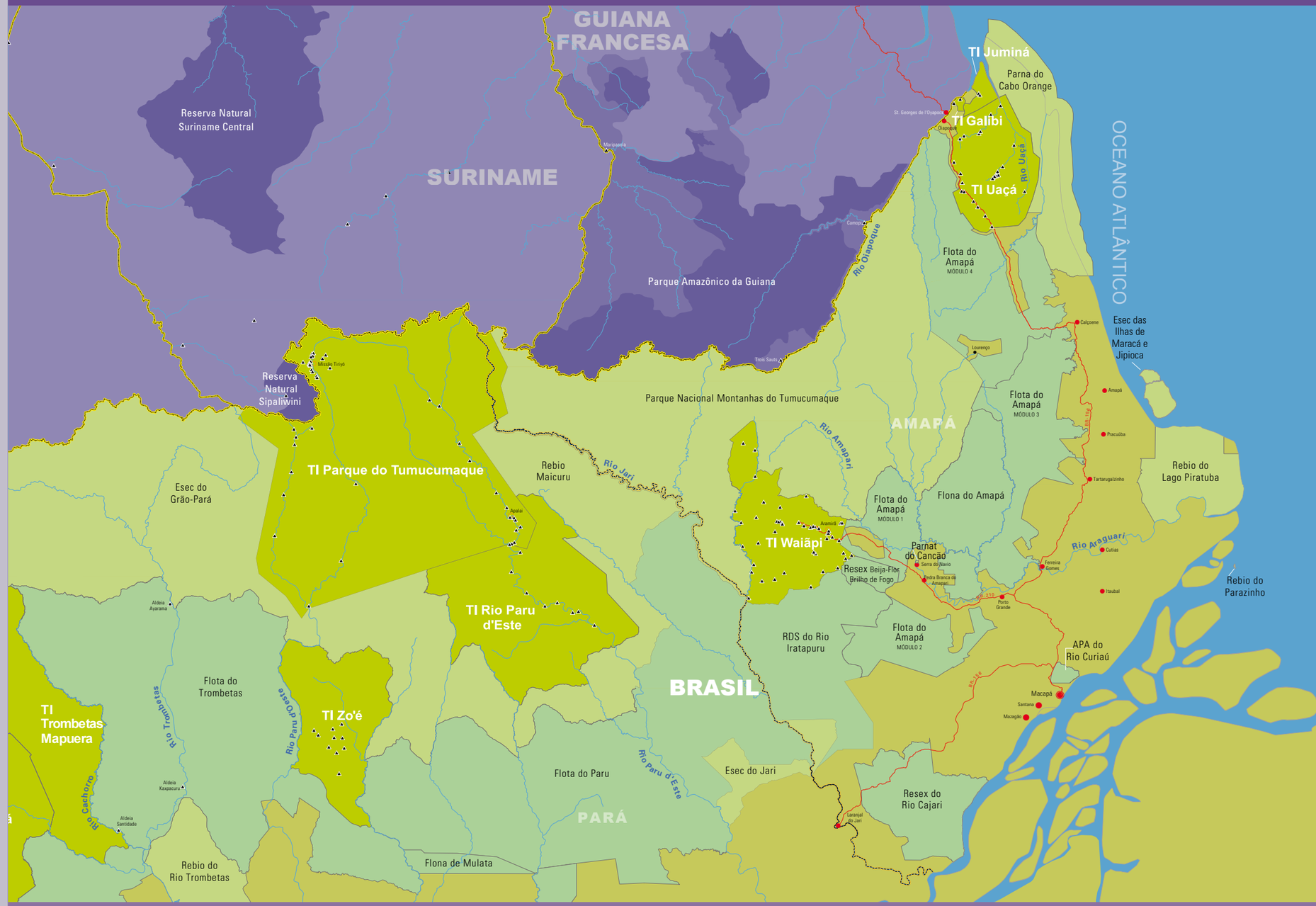
Os povos indígenas que hoje habitam essa região possuem uma história em comum de relações comerciais, políticas, matrimoniais e rituais que remonta a pelo menos três séculos. As redes de intercâmbio que sempre existiram nessa região estão na base de um perfil cultural comum na região como um todo. Essas relações não deixaram de existir nem se deixaram restringir aos limites das fronteiras nacionais, mas foram profundamente impactadas pela consolidação dessas fronteiras e pelas diferentes políticas indigenistas implementadas pelos países que ali se constituíram.

Apesar de viverem realidades diferentes em cada um de seus países, todos os povos indígenas vivenciam uma mesma tensão entre duas tendências distintas, que marcam a região do Planalto das Guianas: a da conservação ambiental, de um lado, e a da exploração predatória, de outro. O embate entre essas duas tendências condiciona o futuro das florestas e dos habitantes que nela vivem.

Aparai Galibi Kali'na Galibi Marworno
Karipuna Kaxuyana Palikur
Tiriyó Wajãpi Wayana Zo'é

Povos Terras Indígenas e Unidades de Conservação

no Amapá e norte do Pará | Brasil



Trajetória

A criação do *Iepé*, em 2002, representou a formalização de relações de cooperação existentes entre seus 12 sócios fundadores, que já conduziam atividades de pesquisa acadêmica e assessoria direta aos povos indígenas do Amapá e Norte do Pará, em programas do Centro de Trabalho Indigenista – CTI, do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo – NHII da Universidade de São Paulo, e do Museu Paraense Emilio Goeldi.

Desde sua criação, o *Iepé* tem procurado elaborar projetos que permitam uma ampliação dos trabalhos junto às comunidades indígenas da região, consolidando ações em andamento e estabelecendo novas modalidades de atuação. Inicialmente, as atividades se centravam em ações voltadas à capacitação e formação de jovens e adultos Wajãpi, no âmbito do Programa Wajãpi, o mais antigo no *Iepé*. Ao logo do tempo, o leque de atividades, os focos de ação, áreas de atuação e o número de parcerias institucionais se ampliaram. Nesta trajetória, o *Iepé* consolidou sua atuação nessa região, com um trabalho em parceria com os povos indígenas e suas organizações representativas e com órgãos de governo estaduais e federais. Por meio destas parcerias, são desenvolvidos trabalhos em prol da defesa dos direitos indígenas, da garantia de condições para seu bem estar e qualidade de vida no presente e no futuro, bem como para a conservação das florestas onde vivem e de seu entorno.

Mario Vilela/Funai

Dinâmicas de trabalho

O *Iepé* trabalha por meio da construção e implementação de projetos demandas formuladas pelas comunidades indígenas, e que são realizados em colaboração com uma série de parceiros, tanto governamentais, quanto não governamentais, bem como da cooperação internacional. Estes parceiros participam de formas diversas, seja como financiadores ou como co-executores das atividades propostas. Os projetos desenvolvidos pelo *Iepé* na região do Amapá e Norte do Pará têm em média duração de 1 a 5 anos, e visam consolidar linhas de atuação temáticas que respondam aos desafios enfrentados pelos povos indígenas dessa região na manutenção dos seus modos de vida e na busca pelo bem viver.

O *Iepé* conta com uma equipe multidisciplinar, estruturada em programas e linhas de atuação, mantendo dois escritórios: em Macapá e em São Paulo. Nosso organograma de trabalho inclui a diretoria, coordenação executiva, setor administrativo-financeiro, núcleo de assessoria e programas locais (Wajãpi, Tumucumaque e Oiapoque). O cotidiano da instituição se divide em atividades institucionais, administrativas e em campo, nas aldeias.

No escritório de São Paulo se concentram as atividades de coordenação geral dos projetos, que incluem o acompanhamento da execução e a gestão administrativa e financeira dos projetos em todas as etapas de seu ciclo, assim como reuniões com parceiros e órgãos governamentais. O escritório de Macapá é a base para ações de articulação junto a parceiros e ao governo estadual e o ponto de apoio para a execução das atividades em área nos três complexos populacionais com os quais o *Iepé* trabalha (Wajãpi, Tumucumaque e Oiapoque).

Fábio Maffei

Wajãpi

Os Wajãpi que vivem na Terra Indígena Waiãpi somam mais de 1000 pessoas, distribuídas em 49 pequenas aldeias. Identificada no final dos anos 70, foi delimitada formalmente na década seguinte, tendo sofrido sucessivas tentativas de redução. Seus atuais limites foram demarcados e homologados apenas em 1996. Os trabalhos de demarcação física foram realizados com a participação dos Wajãpi, em uma iniciativa pioneira apoiada pela Funai, pela Agência de Cooperação Alemã (GTZ) e pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI).

Os Wajãpi vivem da agricultura, da caça, da pesca e da coleta, mudando periodicamente a localização de suas aldeias para permitir a recuperação ambiental das áreas ocupadas. O acesso às aldeias se dá pela BR 210, pelos rios e por trilhas abertas no meio da floresta. As famílias adquirem instrumentos de trabalho e diversas mercadorias industrializadas com a renda dos aposentados e dos agentes comunitários contratados pelo governo. Entre estes, há professores indígenas, agentes de saúde e agentes de saneamento. Os Wajãpi falam uma língua tupi-guarani e, em sua maioria, também falam e entendem português. Em 2001 os Wajãpi tiveram sua arte gráfica kusiwa registrada pelo IPHAN e em 2003 suas expressões gráficas e orais foram reconhecidas pela Unesco como patrimônio imaterial da humanidade.

Mário Vilela/Funai

Os povos indígenas do

baixo rio Oiapoque

Os quatro povos que habitam a região do baixo rio Oiapoque falam línguas aruak (os Palikur), carib (os Galibi-Kali´na) e patoá (os Karipuna e os Galibi-Marworno). Falam também português e francês, aprendidos no processo de inter-relações com diferentes povos que, nos últimos 400 anos, transitaram por essa região de fronteira e devido à proximidade com a Guiana Francesa. Estes quatro povos ocupam três Terras Indígenas (TI Uaçá, TI Juminá e TI Galibi), demarcadas e homologadas, que abrangem 23% da extensão territorial do município de Oiapoque. Estas terras configuram uma grande área contínua, cortada a Oeste pela BR-156, que liga Macapá ao Oiapoque.

Os índios alimentam-se basicamente de peixe, de farinha de mandioca e de frutas. A farinha de mandioca excedente é comercializada, em Oiapoque, ou trocada por outros produtos. Estima-se que sejam hoje cerca de 7.000 índios divididos em 39 aldeias e na cidade de Oiapoque. Na década de 70, os quatro grupos indígenas iniciaram um processo de organização política conjunta com a realização anual de grandes assembleias indígenas, nas quais discutem problemas comuns da área, tomam decisões e encaminham reivindicações às autoridades.

Ugo Maia Andrade

Complexo do Tumucumaque

O Complexo do Tumucumaque é constituído pelas Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Paru d'Este, situadas, em sua maior parte, no Estado do Pará, e em uma pequena faixa no Estado do Amapá. Este complexo situa-se na região em que o Brasil faz fronteira com o Suriname. Nele encontram-se, em maior número os Tiriyó e Kaxuyana, que atualmente somam cerca de 1550 pessoas, distribuídas em 30 aldeias – a Oeste do Complexo, e os Wayana e Aparai, hoje cerca de 900 pessoas, que se distribuem em 21 aldeias do lado Leste. Em menor número vivem os Txikuyana, a Oeste, e algumas famílias Tiriyó e Wajãpi, a Leste. Alguns destes grupos possuem parentes do outro lado da fronteira, como os Tiriyó no Suriname e os Wayana na Guiana Francesa. Com exceção dos falantes da língua wajãpi, do tronco Tupi, os demais habitantes do Parque são todos falantes de línguas Caribe.

O único meio de acesso a esta região é por via aérea. A experiência de convívio desses grupos com não-índios se deu a partir de 1960, por iniciativa da Força Aérea Brasileira (FAB) e de missionários católicos entre os Tiriyó e Kaxuyana, e da FUNAI e missionários protestantes entre os Wayana e Aparai. Nos anos 80 estes grupos iniciaram um processo de redispersão territorial, abrindo novas aldeias ao longo dos principais rios que cortam a região: Paru de Oeste, Cuxaré e Paru de Leste.

Luís Donisete Benzi Grupioni

Fortalecimento Político

Nesta linha, as ações são feitas em dois níveis: o das organizações representativas dos povos indígenas da região e o dos fóruns políticos comunitários. O trabalho com as organizações representativas dos povos indígenas do Amapá e Norte do Pará visa a formação e capacitação de membros das diretorias dessas organizações para que possam realizar a representação de suas comunidades e a defesa de seus interesses e direitos junto à sociedade envolvente e aos órgãos do governo. Oficinas, seminários, assessorias e cursos são realizados com o intuito de capacitar estes representantes para o trabalho de representação institucional. Uma das metas importantes deste trabalho é que as organizações indígenas fortaleçam sua atuação junto aos órgãos governamentais, para que possam não apenas monitorar as políticas públicas que afetam diretamente suas comunidades e os territórios em que vivem, mas também participar ativamente dos seus processo de concepção e implementação, exercendo o controle social das políticas e ações que tenham impacto sobre suas formas de vida.

O apoio à realização de fóruns políticos comunitários, como assembleias e reuniões de líderes e de chefes de aldeia é outra prioridade de ação. Trata-se de espaços políticos de grande importância para que as lideranças possam se reunir, discutir problemas e construir estratégias comuns para enfrentá-los. Articular esses dois níveis de atuação política, o dos líderes e chefes de aldeias nas Terras Indígenas, com o das organizações representativas na cidade, para que essa representação esteja pautada pelas demandas e interesses comunitários, tenham capilaridade e resultem em avanços positivos reais nas aldeias, é uma das metas do *Iepé*.

Ana Paula Nóbrega da Fonte

Gestão Territorial
e Ambiental em Terras Indígenas

Viver em terras demarcadas, com limites definidos, colocou para as comunidades indígenas o desafio de assegurar boas condições de vida para as atuais e futuras gerações. Garantir um uso sustentável dos recursos naturais existentes em seus territórios, fiscalizar os limites de suas terras evitando invasões, e manejar recursos para atender demandas para uma vida com qualidade tornaram-se ações estratégicas hoje em dia.

As iniciativas do *Iepé* nesta linha são feitas em três níveis. No nível local, por meio de ações que permitam às comunidades indígenas estabelecer acordos comunitários internos visando a gestão dos recursos dos seus territórios. A elaboração e execução dos chamados Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs) tem sido uma ferramenta importante nesta linha de atuação. Os PGTAs são construídos por meio de reuniões, oficinas e discussões comunitárias, de modo que as comunidades possam – a partir da identificação dos potenciais e ameaças presentes nas terras que habitam – fazer um planejamento para ordenar as formas de uso e ocupação, garantindo seu bem estar e qualidade de vida agora e no futuro. No nível regional, as ações de gestão territorial e ambiental são objeto de discussão no âmbito da articulação proposta pelo Mosaico de Áreas Protegidas do Oeste do Amapá e Norte do Pará, que inclui Terras Indígenas, Unidades de Conservação e suas áreas de entorno. Já no nível federal, observa-se um reconhecimento cada vez maior da contribuição que os povos indígenas dão para a conservação de florestas. Este reconhecimento tem sido traduzido em novas políticas públicas, as quais o *Iepé* busca acompanhar, monitorando tanto seus mecanismos de concepção quanto sua implementação no Amapá e Norte do Pará.

Décio Horita Yakota

Educação e valorização cultural

Como portadores de tradições culturais próprias e visões de mundo específicas, os povos indígenas no Brasil têm direitos culturais reconhecidos pela Constituição, entre eles, o direito a uma educação escolar diferenciada, que valorize suas línguas e culturas. O *Iepé* tem atuado na formação de professores indígenas, assessoria à construção e implantação de currículos escolares diferenciados para as escolas das aldeias e na produção de materiais didáticos, em português e nas línguas indígenas, que valorizem conhecimentos, saberes e práticas indígenas.

O *Iepé* atua também para o reconhecimento e valorização das línguas e culturas indígenas, tanto por parte das próprias comunidades, quanto da sociedade envolvente, que desconhece as concepções e práticas de conhecimento, de transmissão e formas de expressão cultural dos povos indígenas. O *Iepé* acredita que a promoção de reflexões aprofundadas das comunidades indígenas com suas próprias tradições é o primeiro passo para programas de valorização cultural, que promovem o estabelecimento de novos elos entre as gerações. Neste sentido, atua na formação de pesquisadores indígenas para a gestão de seus patrimônios culturais, o que envolve o registro e a difusão, interna e externa de aspectos de seus conhecimentos tradicionais, bem como o uso de novas tecnologias (escrita e audiovisual) por parte dos jovens indígenas.

Promover a apropriação, pelos grupos indígenas, de novos espaços em que se realizam pesquisa, sistematização, registro, documentação e difusão de saberes e práticas culturais, como o Centro de Documentação e Formação Wajãpi, na Terra Indígena Wajãpi, e o Museu Kuahí dos povos indígenas do Oiapoque, também está entre as prioridades do *Iepé*.

Mário Vilela/Funai

Programa Wajãpi

O Programa Wajãpi é o mais antigo, e mesmo anterior à fundação do *Iepé*. As atividades junto a este povo se iniciaram em 1992, no âmbito do Centro de Trabalho Indigenista – CTI. Foi no bojo do processo de demarcação física da TI, que o Programa apoiou a formação do Conselho das Aldeias Wajãpi – Apina, constituído pelos chefes de todos os grupos locais que atualmente convivem na Terra Indígena Wajãpi.

Ao longo de sua existência, destacam-se as ações em prol da demarcação e permanente fiscalização da Terra Indígena Wajãpi, a formação de professores, pesquisadores e agentes de saúde indígenas, o fortalecimento político e gestão de associações, além de iniciativas de discussão sobre gestão ambiental e territorial, fator decisivo para a manutenção de sua qualidade de vida e para a conservação ambiental de seu território. Os Wajãpi tiveram sua arte gráfica e saberes orais registrados como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, em 2002, e proclamados como Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela Unesco em 2003. Este reconhecimento serviu como incentivo a mais para realizar atividades que visam fortalecer, valorizar e difundir seus conhecimentos e práticas tradicionais. Em 2009, foi concluída a construção de um Centro de Formação e Documentação Wajãpi, dentro da Terra Indígena Wajãpi, destinado a apoiar as atividades do Plano de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Wajãpi, bem como para a realização de cursos, oficinas, reuniões, assembleias e abrigo de toda a documentação produzida pelos e sobre os Wajãpi. Além do Apina, o Programa Wajãpi atua junto à Associação Wajãpi Ambiente, Terra e Cultura-AWATAC, criada em 2010.

Mário Vilela/Funai

Programa Tumucumaque

Criado em 2006, o Programa Tumucumaque teve como foco inicial ações de valorização cultural junto aos povos Kaxuyana e Tiriyó. Hoje sua atuação também se estende aos povos Wayana e Aparai, que habitam na Terra Rio Paru D'Este.

Ao longo do tempo, as ações se desdobraram em atividades também voltadas para a formação de professores e pesquisadores, fortalecimento político e, mais recentemente, a iniciativas sobre manejo e gestão territorial e ambiental. Dentre os principais êxitos do programa, destacam-se o fortalecimento político por meio da viabilização de encontros anuais de donos de aldeia, que se reúnem para discutir os problemas e estratégias voltadas às melhorias das condições de vida e bem estar das comunidades, e do fortalecimento institucional das associações representativas (Associação dos Povos Indígenas Tiriyó, Kaxuyana, Txikuyana – APITIKATXI e Associação dos Povos Indígenas Wayana e Aparai – APIWA). As oficinas de valorização cultural, voltadas ao registro e continuidade de conhecimentos e práticas artesanais das mulheres Tiriyó e Kaxuyana resultaram não apenas na retomada e valorização deste "saber fazer" e do diálogo entre gerações, mas também uma ampla divulgação e difusão deste rico patrimônio imaterial – e material – em exposições e publicações.

Mário Vilela/Funai

Programa Oiapoque

O trabalho do *Iepé* junto aos povos indígenas do Oiapoque teve início de forma mais sistemática a partir de 2008, por meio de atividades de formação de pesquisadores, promoção e valorização das formas de expressão e dos conhecimentos tradicionais e, posteriormente, gestão territorial e ambiental e fortalecimento das instâncias de representação política. A atuação do programa Oiapoque se ancora em uma ampla rede de parceiros institucionais, entre organizações indígenas, ONGs e órgãos governamentais. Como resultados destas ações conjuntas destacam-se a realização de um Plano de Vida, fruto de um intenso processo de reflexão e discussão sobre estratégias a adotar a fim de garantir qualidade de vida no futuro, e que, desde sua elaboração, orienta os projetos e atividades atualmente em curso, principalmente aquelas voltadas para a gestão territorial e ambiental. Este Plano de Vida originou também o Programa de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas de Oiapoque, construído em 2010, e atualmente em consolidação por meio de projetos de manejo e uso sustentável dos recursos naturais, controle territorial e educação para a gestão ambiental.

Entre setembro e novembro de 2008, os povos indígenas do Oiapoque passaram a discutir a criação do Plano de Vida dos Povos Indígenas do Oiapoque, em cinco grandes oficinas. O *Iepé* nos apoiou, tanto na coordenação das atividades, quanto organizando os relatórios das oficinas. Simultaneamente o *Iepé* passou a dar apoio ao Comitê Gestor do Programa Indígena da BR 156 – COGEPI, criado em agosto de 2008. O *Iepé* intensificou as atividades nas Terras Indígenas do Oiapoque, se fazendo presente nas reuniões com autoridades no Estado do Amapá, assessorando as lideranças indígenas em diversas reuniões para tratar dos impactos causados pela passagem do asfaltamento da BR 156, atuando em defesa dos projetos de compensação e mitigação.

Mário Vilela/Funai

Programa de
Articulação Regional e Transfronteiriça

O Programa de articulação Regional e Transfronteiriça envolve uma atuação essencialmente transversal, que perpassa todos os demais programas, realizando atividades com as comunidades contempladas pelos três programas locais.

O Programa trabalha em duas linhas. A primeira focaliza a escala regional e concentra suas atividades na implementação do Mosaico de Áreas Protegidas da Oeste do Amapá e Norte do Pará, um instrumento que propõe uma gestão integrada e participativa do território, com protagonismo de representantes de órgãos governamentais, não governamentais e de associações representativas dos povos indígenas, extrativistas e de pequenos agricultores. Estes representantes se reúnem periodicamente em um Conselho Consultivo para discutir os problemas e estratégias que permitam viabilizar a conservação do meio ambiente e a melhoria da qualidade de vida das populações que residem na região.

A segunda linha envolve ações transfronteiriças que contemplam as organizações parceiras e comunidades indígenas do Amapá, do Norte do Pará, da Guiana Francesa e do Suriname. A articulação transfronteiriça visa fortalecer os laços entres os povos indígenas desta região, para que possam conhecer as realidades, identificar os problemas socioambientais comuns e propor alternativas que favoreçam iniciativas de desenvolvimento sustentável na faixa transfronteiriça. Cinco Encontros Transfronteiriços realizados nos últimos anos já reuniram centenas de representantes indígenas dos três países, que puderam se encontrar e discutir temas como direitos territoriais, governança política, educação, valorização cultural e problemas sociais, dentre outros.

Milton Kam

Destaques da atuação do *Iepé*

2002

Fundação do *Iepé* – Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena, em setembro.

2003

Arte gráfica e saberes orais Wajãpi reconhecidos enquanto Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela Unesco.

Publicação do 1º. livro do *Iepé* Povos Indígenas no Amapá e Norte do Pará, que traz um panorama geral sobre os povos indígenas da região.

Seminário Terras Indígenas no Amapá e Norte do Pará, reunindo representantes dos povos Wajãpi, do Complexo do Tumucumaque e do Oiapoque a fim de se articular e se posicionar conjuntamente quanto a propostas de desenvolvimento para a região.

2004

Criação do website do *Iepé* (www.institutoiepe.org.br).

Apoio à descentralização das aldeias Wajãpi.

2005

Seminário Experiências indígenas em gestão e pesquisa de patrimônios culturais no Amapá e Norte do Pará, para trocas de experiências sobre patrimônio cultural imaterial e sua gestão, a formação e o papel de pesquisadores indígenas.

Início da implementação do Plano de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Wajãpi, com a instalação do Conselho Consultivo do Plano e início da formação de 20 pesquisadores Wajãpi.

Inauguração do escritório do *Iepé* em Macapá.

2006

1ª Edição do Boletim Externo Povos Indígenas e Meio Ambiente Amapá e Norte do Pará, que busca tratar de forma mais acessível temas que afetem ou que sejam de interesse dos povos indígenas da região.

Formatura e certificação dos primeiros professores Wajãpi, concluindo o curso de formação em magistério indígena conduzido pelo *Iepé*.

Início do Programa de valorização da arte em tecelagem com miçangas e sementes das mulheres Tiriyó e Kaxuyana.

Publicação do livro Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará.

2007

Inauguração do Museu Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque e do programa de formação e treinamento de pesquisadores indígenas do Museu.

Abertura da exposição multimídia A presença do invisível na vida cotidiana e ritual dos povos indígenas do Oiapoque, no Museu do Índio (Rio de Janeiro).

Início do Programa de Formação de Professores-Pesquisadores Tiriyó e Kaxuyana, com mais de 40 participantes, visando a melhoria das condições de ensino nas escolas do Tumucumaque.

Seminário Construindo um espaço de diálogo entre as mulheres Wajãpi e as instituições em saúde indígena, no âmbito das atividades do *Iepé* com formação em saúde junto aos Wajãpi.

2008

Iepé e Funai assinam Termo de Cooperação Técnica para a realização de ações de fortalecimento cultural, político e das formas de gestão comunitária e coletiva para o desenvolvimento sustentável dos povos indígenas do Amapá e Norte do Pará.

1º Encontro Transfronteiriço dos Povos Indígenas do Brasil, da Guiana Francesa e do Suriname. Realizado em Macapá, lançou as bases da articulação transfronteiriça.

Realização do seminário interinstitucional Corredor da Biodiversidade: gestão territorial, desenvolvimento e conservação, articulando representantes comunitários e órgãos de governo.

Apoio à criação do Comitê Gestor do Programa Indígena da BR-156, fórum deliberativo das questões referentes aos impactos provocados por empreendimentos às Terras Indígenas de Oiapoque, com destaque para a pavimentação da rodovia em questão.

2009

Inauguração do Centro de Formação e Documentação Wajãpi para a realização de atividades do Plano de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial Wajãpi.

Publicação de Arte visual dos povos Tiriyó e Kaxuyana, que aborda os padrões visuais destes povos, sua importância e seus significados enquanto jeitos de ver, de se ver e de se representar.

Finalização e aprovação do Plano de Vida dos Povos e Organizações Indígenas do Oiapoque, definindo eixos, diretrizes e ações estratégicas nas áreas de educação, saúde, produção, território e meio ambiente, cultura e movimento indígena.

Apoio ao Encontro de lideranças Wayana e Aparai, na aldeia Bona, e ao Encontro de Donos de Aldeia Tiriyó e Kaxuyana, na Missão Tiriyó, no Parque Indígena do Tumucumaque.

2010

Inauguração da Biblioteca do Pontão Arte e Vida dos Povos Indígenas do Amapá e Norte do Pará, no escritório do *Iepé* em Macapá, com lançamento de publicações.

Exposição Tecendo a arte tecendo a vida, fruto de um trabalho de valorização cultural, que promove a continuidade de técnicas e práticas artesanais tradicionais de mulheres Tiriyó e Kaxuyana.

Finalização e aprovação do Programa de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas de Oiapoque, estabelecendo os eixos temáticos Manejo e Uso Sustentável dos Recursos Naturais, Controle Territorial e Educação para a Gestão Ambiental, com a construção coletiva de projetos prioritários .

Aprovada na assembleia de sócios a mudança do nome do *Iepé* para Instituto de Pesquisa e Formação Indígena.

2011

Exposição Artefatos indígenas (São Paulo), contendo objetos rituais, do cotidiano e obras de arte que representam a produção contemporânea de doze povos indígenas da Amazônia.

Publicação do ensaio Terra Indígena Wajãpi: da demarcação às experiências de gestão territorial, que apresenta um histórico sobre todo o processo de demarcação da TI Wajãpi e os desafios que se colocam à estes povos para viver dentro de limites definidos.

Registro da Ata de criação da Awatac – Associação Wajãpi Terra, Ambiente e Cultura e início da assessoria do *Iepé* a esta nova organização.

2012

1ª e 2ª Reuniões do Conselho Consultivo Piloto do Mosaico de Áreas Protegidas do Oeste do Amapá e Norte do Pará, reunindo representantes indígenas, de órgãos estaduais, de Unidades de Conservação e da sociedade civil da região.

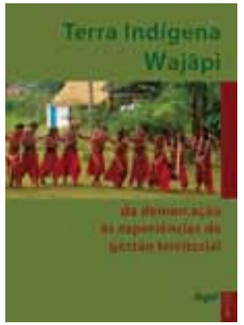
Publicação de Mosikoa'y rã kõ – Plano de Ação Wajãpi fruto de um trabalho de reflexão dos Wajãpi sobre as estratégias e ações a adotar para o futuro.

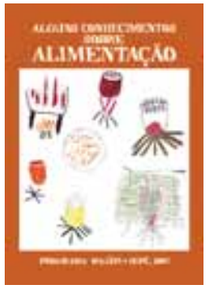
Primeiro Encontro dos povos indígenas e quilombolas, realizado no quilombo Abuí, em Oriximiná, que reuniu mais de 150 pessoas, propiciando o (re)encontro e o (re)conhecimento de povos que convivem há mais de 150 anos.

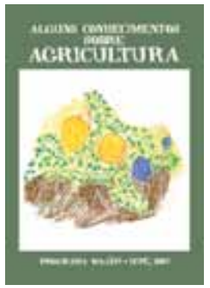
Realização do Curso "Povos Indígenas e Políticas Públicas no Brasil" para representantes indígenas e técnicos governamentais em atuação no Amapá.

Publicações

O *Iepé* tem priorizado a elaboração de publicações, que resultam de suas atividades junto aos povos indígenas do Amapá e Norte do Pará. Várias delas são de autoria indígena, para uso em suas comunidades. Outras destinam-se ao público em geral. Com cuidadosos projetos gráficos, tais publicações visam difundir resultados dos trabalhos desenvolvidos e contribuir para um maior conhecimento sobre os povos indígenas do Amapá e Norte do Pará e seus desafios contemporâneos.

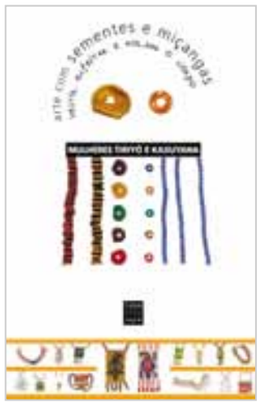




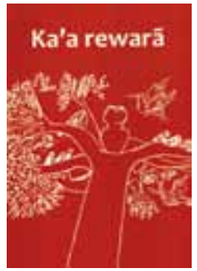


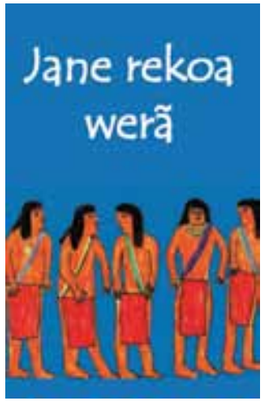
Exposições

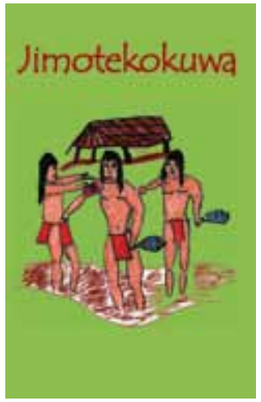
Folders



Pesquisas







Boletins

Jornais

Eventos

O *Iepé* tem promovido uma série de seminários, oficinas, encontros e cursos, reunindo representantes indígenas, técnicos e gestores governamentais, estudantes e outros profissionais, na cidade de Macapá. Aproximar representantes indígenas, articular suas representações em torno de questões de interesse comum e que possam aperfeiçoar as políticas públicas a eles dirigidas, fortalecendo o movimento indígena no Amapá e norte do Pará tem sido uma prática presente do trabalho do *Iepé*. Cursos de difusão cultural têm sido organizados de modo a difundir informações sobre os modos de vida e questões atuais sobre os povos indígenas da região, contribuindo para a construção de uma nova imagem sobre esses povos.

Equipe

A instância máxima de decisão do *Iepé* é sua assembleia de sócios, responsável por eleger a diretoria da instituição. Uma coordenação-executiva responde, no dia-a-dia, pelo funcionamento do *Iepé* e pela articulação da equipe de membros, que em 2012 conta com 24 colaboradores.

Diretorias do *Iepé* 2002-2012

2002-2004 Presidente: Dominique T. Gallois / Secretaria: Nadja Havt / Tesoureira: Juliana Rosalen

2004-2006 Presidente: Dominique T. Gallois / Secretaria: Lux Vidal / Tesoureira: Juliana Rosalen

2006-2008 Presidente: Denise Fajardo Grupioni / Secretaria: Lux Vidal / Tesoureira: Dominique T. Gallois

2008-2009 Presidente: Denise Fajardo Grupioni / Secretaria: Lúcia Szmrecsányi / Tesoureira: Lux Vidal

2009-2012 Presidente: Denise Fajardo Grupioni / Secretaria: Dominique T. Gallois / Tesoureira: Lux Vidal

2012 Presidente: Lúcia Szmrecsányi / Secretaria: Nadja Havt / Tesoureira: Juliana Rosalen

Assembleia de sócios

Ana Paula Nóbrega da Fonte
Cássio Noronha Inglez de Sousa
Dafran Gomes Macário
Denise Fajardo Grupioni
Décio Horita Yokota
Dominique Tilkin Gallois
Helder Rocha de Souza
Helena Lúcia de Oliveira Sábato
Juliana Rosalen
Lúcia Hussak van Velthem
Lúcia Szmrecsányi
Luis Donisete Benzi Grupioni
Lux Boelitz Vidal
Maria Bernadette Arantes N. Franceschini
Nadja Havt Bindá
Simone de Cássia Ribeiro

Diretoria

Presidente
Lúcia Szmrecsányi

Tesoureira
Nadja Havt Bindá

Secretaria
Juliana Rosalen

Conselho Fiscal

Cássio Noronha Inglez de Souza
Dominique Tilkin Gallois
Helder Rocha de Souza

Conselho Editorial

Denise Fajardo Grupioni
Dominique Tilkin Gallois
Luis Donisete Benzi Grupioni
Lúcia Hussak Van Velthem e
Lux Boelitz Vidal

Coordenação-executiva

Coordenador Executivo
Luis Donisete Benzi Grupioni

Coordenador Executivo Adjunto
Décio Horita Yokota

Núcleo de Assessoria

Asses. de Articulação Reg. e Transfronteiriça
Márcia Nogueira Franceschini

Gerente de Projetos
Maria Bernadette Arantes N. Franceschini

Setor administrativo-financeiro

Adm. Financeira
Helena Lúcia de Oliveira Sabato

Adm. Financeiro Adjunto
José Geraldo Creão

Assistente Administrativa Financeira
Neusa Solidade Silva de Amorim

Setor de produção e logística

Assessora de Produção e Logística
Edilzamar de Fátima Serrano da Silva

Auxiliar de Produção e Difusão
Gabriela Menezes

Auxiliar de Serviços Externos
André Henrique da Silva Ferreira

Programa Wajãpi

Coordenadora do Programa
Simone de Cássia Ribeiro

Coordenadora Adjunta de Formação e Gestão
Ângela Aparecida Rangel

Assessor do Programa Terra e Ambiente
Bruno Walter Caporrino

Asses. do Programa de Formação de Pesquisadores
Dominique Tilkin Gallois

Assistente de Logística
Jefferson Henrique Castro de Oliveira

Programa Oiapoque

Coordenadora do Programa
Ana Paula Nóbrega da Fonte

Assessora Antropológica
Lux Boelitz Vidal

Assistente de Logística
Gina Marcela da Silva Feitosa

Programa Tumucumaque

Coordenadora do Programa
Denise Fajardo Grupioni

Assessora Antropológica
Lúcia Hussak van Velthem

Assistente de Coordenação
Jeciane Souza

Assessora de Programa
Luisa Gonçalves Girardi

Assessor de Programa
Evandro Batista Antunes Bernardi

Assistente de Logística
Andréia da Silva Vaz

Rede de parcerias

Desde sua fundação, o *Iepé* busca construir parcerias e alianças, que permitam sinergias para a execução de nossas ações junto às comunidades indígenas do Amapá e Norte do Pará. Organizações indígenas, órgãos de governo, organizações da sociedade civil e da cooperação internacional e empresas nacionais têm sido parceiros na construção de estratégias que possam garantir qualidade de vida aos povos indígenas dessa região.

Ao longo dos anos, o *Iepé* atuou em parceria com as seguintes organizações:

Organizações indígenas

Apina – Conselho de Aldeias Wajãpi
Associação Wajãpi Ambiente, Terra e Cultura – AWATAC
Associação dos Povos Indígenas Tiriyó, Kaxuyana e Txikuyana – APITIKATXI
Associação dos Povos Indígenas Wayana Apalai – APIWA
Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque – CCPIO
Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão – AMIM
Comitê Gestor do Programa Indígena da BR-156 – COGEPI
Association of Indigenous Village Leaders in Suriname - VIDS
Fédération des Organisations Autochtones de Guyane – FOAG
Organisation des Nations Autochtones de Guyane – ONAG

Órgãos governamentais

Fundação Nacional do Índio – Funai, Ministério da Cultura – MinC, Ministério do Meio Ambiente – MMA, Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, Ministério da Educação – MEC, Ministério da Saúde, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, Fundo Nacional do Meio Ambiente – FNMA, Museu do Índio/Funai, Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI, Secretaria da Educação do Estado do Amapá – SEED, Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Amapá – SEMA, Secretaria Estadual de Transporte do Estado do Amapá – SETRAP, Instituto de Desenvolvimento Rural do Amapá – RURAP, Instituto Estadual de Florestas – IEF, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, Caixa Econômica Federal e Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá – IEPA.

Universidades

Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo – USP e Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

Empresas

Natura, Petrobras e Oi Telecomunicações.

Organismos Internacionais

Unesco

Organizações da Sociedade civil

The Nature Conservancy – TNC, Conservação Internacional – CI, União Internacional para a Conservação da Natureza – IUCN, Equipe de Conservação da Amazônia – ECAM e Rede de Cooperação Alternativa – RCA.

Cooperação internacional

Rainforest Foundation Noruega, Embaixada da Noruega, Gordon and Betty Moore Foundation, Embaixada da Austrália, Embaixada Real dos Países Baixos, Manos Unidas/ Espanha, Poema Alemanha, Médico Internacional da Alemanha e Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional – USAID.

Iepé
10 anos de atuação

Editor
Luis Donisete Benzi Grupioni

Organização e redação do texto
Márcia Nogueira Franceschini
Luís Donisete Benzi Grupioni

Revisão e textos complementares
Ana Paula Nóbrega da Fonte
Décio Horita Yokota
Denise Fajardo Grupioni
Dominique Tilkin Gallois
Simone Ribeiro

Projeto Gráfico
Renata Alves Souza | Tipográfico Comunicação

Foto da Capa
Mário Vilela | Funai

Fotos não creditadas no livro
Acervo do Iepé

Tiragem
2.000 exemplares

Impressão
Neoband

São Paulo, dezembro de 2012

Apoio Institucional ao Iepé

EMBAIXADA DA NORUEGA

RAINFOREST FOUNDATION NORUEGA

***Iepé* em São Paulo**
Rua Professor Monjardino, 19
Vila Sônia
05625-160 – São Paulo – SP
Tel/Fax: (11) 3746-7912
Tel: (11) 3926-7912
sede-sp@institutoiepe.org.br

***Iepé* em Macapá**
Av. Raimundo Álvares da Costa, 1.689
Bairro Santa Rita
68.900-074 – Macapá – AP
Tel: (96) 3223 7633
Fax: (96) 3223 2052
sede-macapa@institutoiepe.org.br

www.institutoiepe.org.br